

**L**ISBOA — José Cardoso Pires é um dos mais importantes escritores portugueses do momento. Antisalazarista, resistente da cultura democrática desde sempre, foi um dos poucos escritores portugueses presos pela PIDE por um livro publicado: *Histórias de Amor*. Uma prisão rápida, incolor, de qualquer modo com um claro significado de repressão e coação políticas, inclusive porque a velha PIDE tinha a inteligência de não tocar muito nos escritores, em razão de suas atividades literárias. Sempre teve o cuidado de não transformá-los em mártires.

Hoje, aos 50 anos de idade, José Cardoso Pires dirige um dos principais jornais do país, o *Diário de Lisboa*. Politicamente, nestes dias em que os portugueses são sempre e mais partidários, prefere situar-se como um marxista apartidário, não engajado. Desligou-se do PCP em 1970, depois de 21 anos de estreita ligação com o Partido que nunca pôde ser confundida com a atividade de um militante.

Viajou por quase todo o mundo — e até o 25 de abril de 1974 acompanhado por uma certa vergonha de ser português. Durante muito tempo ensinou Literatura Portuguesa e Brasileira, no King's College da Universidade de Londres. Há cerca de 10 anos tornou-se dos poucos escritores contemporâneos de Portugal traduzidos e lidos em várias línguas — dos raros casos de divulgação e projeção internacionais verificados em duas gerações literárias esterilizadas pelas ditaduras de Salazar e Caetano.

### Medo da liberdade

A entrevista que com ele fizemos pretende ser uma análise e uma explicação de um português que está vivendo intensa e diretamente esta ansiosa, aparentemente desgovernada, sempre surpreendente situação revolucionária de Portugal.

**— Para o português não Comendador, para o português de boa fé, confundido e atordoado que está em qualquer parte do mundo, pode explicar este momento que Portugal vem vivendo?**

Não me espanto, nem mesmo deixo-me irritar com a perplexidade e os receios de portugueses que à distancia vêm seguindo o que se passa em Portugal. Penso que neste momento estamos vivendo o drama daquele animal que viveu durante tantos anos privado da liberdade — e que, ao reconquistá-la em alguns casos, passou a ter medo da liberdade. Enquanto o animal não teve liberdade, ele sonhou com ela. De repente, quando lhe deram, até por nostalgia em certas circunstâncias, alguns começam a sentir saudades da "tranquilidade" que a falta de liberdade assegurava. E' como o caso do animal doméstico, que em liberdade, descobre-se saudosos dos tempos em que tinha comidas à hora certa, habituado às miseráveis rações do cativeiro.

Naturalmente que a situação portuguesa é bastante confusa. Mas é uma confusão salutar. Cada um de nós começa a sentir-se responsável pelo que está a fazer aqui. Hoje vive-se mais em Portugal numa hora do que se vivia em um ano ou mesmo em uma década. Não há tempo para nada, os dias tornaram-se muito curtos, insuficientes. A gente dorme desnacionalizados e acorda nacionalizados. Às vezes tenho a impressão de que não sabemos mais a quantas andamos, de que podemos cansar-nos física e emocionalmente. Este foi um processo súbito que se abateu sobre nós — e sobretudo, de uns dias para cá, um processo que começou a sofrer a pressão dos acontecimentos.

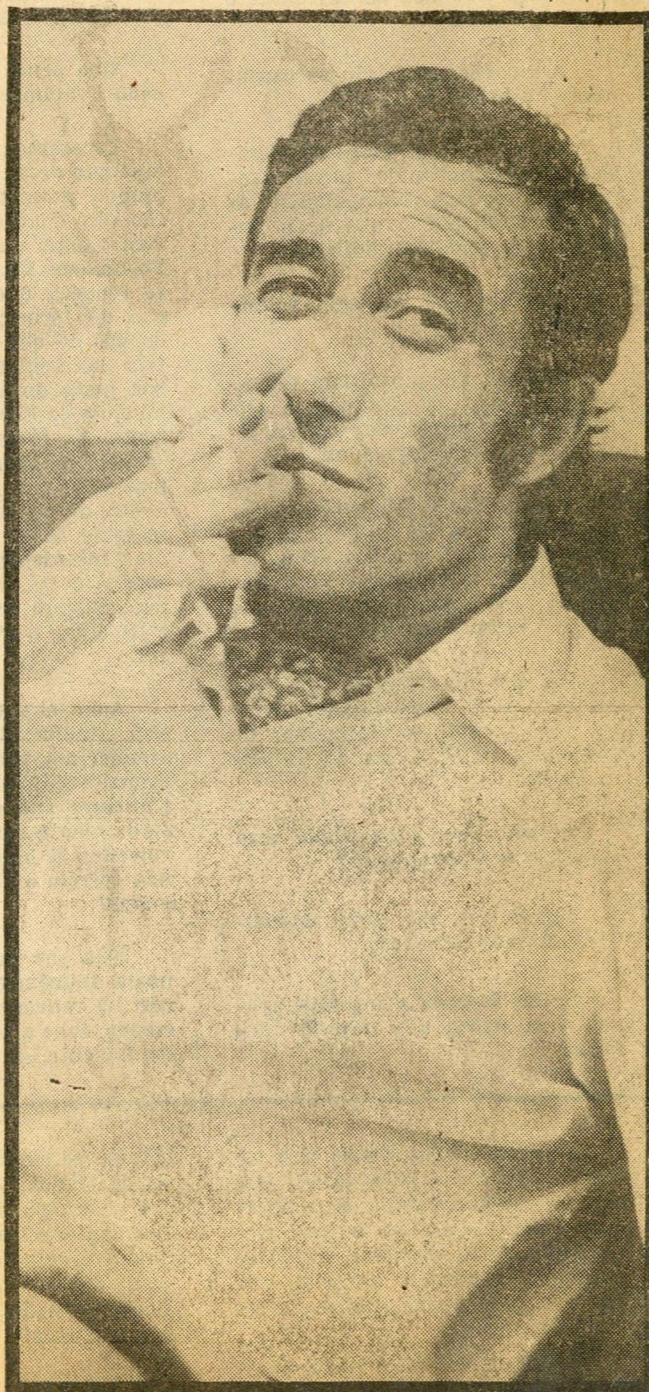
Mas há uma coisa que imediatamente nos interessa e que devemos distinguir: o aspecto nacional e o aspecto internacional. Quanto ao primeiro, tudo indica que vamos viver momentos aparentemente mais difíceis do que tivemos no tempo do fascismo. Porque deixamos de ser um país comprado e sustentado. Temos de vencer uma crise muito grande e muito grave, que pessoalmente — até

## "A gente dorme desnacionalizados e acorda nacionalizados"

Araujo Netto

Enviado especial

Arquivo, 23-7-71



JOSÉ CARDOSO PIRES NO RIO

porque sou cético — acredito que nos próximos três anos não estará resolvida, mas que uma vez vencida deixar-nos-á com a certeza de que somos gente.

Quem conhece Portugal já observou algumas mudanças essenciais em nossas vidas, em nossos hábitos e na nossa mentalidade. O português de hoje não é mais um triste. Passou a falar com as pessoas, coisa que antes não fazia, ou por preconceito da autoridade, ou por medo, ou simplesmente porque não tinha o que falar. Porque o seu isolamento e o seu silêncio deixavam-lhe convencido de uma autoridade que, na realidade, não tinha.

Se esta face já mudou, uma outra verdade é que mudaram também as nossas responsabilidades e a consciência que temos de nossos graves problemas e mesmo das nossas limitações. Hoje sabemos todos os dias o mal que estamos a fazer e que fizemos — porque pela primeira vez na minha vida tenho governantes que vêm-me dizer que nós fizemos erros, ou que nós estamos mal, quando durante 50 anos de fascismo este era obrigatoriamente o melhor dos mundos, nenhum estrangeiro, nenhum crítico nosso tinha razão, só nós é que a tínhamos. Foram os tempos do "orgulhosamente sós".

E' claro que isto não é tudo e não nos satisfaz. Devemos prevenir-nos sobretudo para os problemas de ordem externa que estão sendo criados e vão se agravar. Devemos preparar-nos para a tentativa de fechar-nos e sufocarmos, um trabalho que já teve início. Tendo esta certeza, tenho também as maiores apreensões, especialmente com a atitude. E muito particularmente com os "emigrantes brasileiros". Os portugueses que vão para o Brasil — mesmo sem ter uma informação estatística — eu penso (inclusive porque pude conhecê-los no Brasil) que em 90% dos casos são indivíduos despolitizados, que decidiram-se a ganhar dinheiro de qualquer forma, que se submetem à lei do mais forte e por isso mesmo são comendadores em potencial.

A falta de informação e de cultura política desse emigrante deixa-me mais apreensivo porque não subestimo a importância que ele poderia ter numa luta para superar o bloqueio que deve se criar contra Portugal. De todos, o português no Brasil parece-me mais problemático. O emigrante português no Brasil é bem diferente daquele que está na França ou em qualquer outro país da Europa.

Estou convencido de que é precisamente essa desinformação que se está a montar no Brasil, na França, na Espanha, como em quase todo o mundo ocidental, que dificultará ainda mais a nossa luta. Enquanto tivermos jornalistas, como uma correspondente de um jornal carioca e o de uma revista francesa, que divulgaram as maiores mentiras a respeito do que acontece por aqui, teremos menos probabilidade de sensibilizar e conquistar a solidariedade do português mal informado no exterior.

Desde o dia 25 de abril houve dois mortos neste país, onde se está fazendo uma revolução. Dois mortos que não foram feitos pela Revolução, pois um deles foi feito pela polícia durante uma manifestação (fato que provocou a demissão do diretor da Polícia e abriu um inquérito rigoroso) e o outro foi feito pela fracassada contra-revolução de 11 de março. Mas, embora seja esta a única verdade, as únicas perdas e vítimas que poderiam ser atribuídas à revolução começada a 25 de abril do ano passado, na Europa e mesmo no Brasil, a mentira que se organiza e divulga contra Portugal já chegou a afirmar que estamos vivendo num regime de execuções sumárias, em que se aplica a pena de morte.

Mentira que dói ainda mais porque passa por cima e esconde até mesmo uma crítica que muitos de nós estamos a fazer à excessiva, demasiada magnanimidade demonstrada pelo Governo revolucionário. Por exemplo: o tratamento que, em nome de um princípio de generosidade e de respeito ao homem, vem sendo dispensado na prisão de Caxias pela Comissão de Desmantelamento da PIDE. Um tratamento que permite cenas como a que eu mesmo presenciei, de ex-agentes da PIDE telefonarem para suas famílias, receberem visitas, em suas celas, com o direito de fecharem-se, poderem alimentar-se pelas cozinhas de suas casas.

### Calma e equilíbrio

**— De que modo poderia se enfrentar eficazmente a "internacionalização" do caso português? Prevenir e neutralizar a hipótese de êxito das pressões e das ingerências externas — admitidas inclusive por você — no processo que Portugal está tentando desenvolver?**

Tudo isso é uma consequência até mesmo da inexistência de um capitalismo em Portugal. Porque é sempre bom e oportuno recordar-se que nós nunca tivemos um capitalismo português: tivemos foi um poder econômico escravagista, às vezes paternalista, outras vezes autocrítico, que nunca funcionou em termos de verdadeiro capitalismo. Foi esse poder escravagista que, a partir de 11 de março, levou-nos a aproximar de uma via muito mais revolucionária daquela que estava prevista. Deixando em muitos observadores estrangeiros a idéia de que hoje estamos definitivamente afastados da via reformista que pretendíamos e ainda pretendemos fazer, com aberturas ao capital privado.

O que nos resta é ter muito equilíbrio, muita calma, para não nos deixarmos levar pelas pressões que nos atiram para um bloco, nem pelas pressões que podiam nos levar à morte. Penso que a nossa independência vai ser bastante trabalhosa, mas julgo também que o jogo de forças mundiais, neste momento, tem uma importância decisiva para o que chama de Caso Português.

Respeitando todos os acordos internacionais que somos obrigados a respeitar, parece-me que devemos jogar muito numa política de não alinhamento, vinculada especialmente aos países do mundo árabe, em particular a Arábia.

O conhecimento que tenho dos homens que nos governam hoje faz-me crer que não nos deixaremos atirar, como é clássico, como é vontade do Departamento de Estado norte-americano e como é vontade dos reacionários, forçosamente para o bloco socialista. Nossa inteligência deve conduzir-nos a coligações bilaterais, com um relacionamento melhor e mais profundo com os chamados países do Terceiro Mundo.

**Conhecendo de perto e há muitos anos os objetivos estratégicos do Partido Comunista português, não acredita que esse ideal de uma posição não alinhada corra sérios riscos? Não acredita na hipótese de uma comunização do Movimento das Forças Armadas?**

Não acredito. O problema que se põe não é exatamente este. A primeira hipótese que se poderia discutir mais facilmente seria uma tecnocratização do Exército, que criaria possibilidades para uma situação comparável à do Peru. Com a criação de elites que vêm da mesma base, de uma mesma experiência de luta contra a repressão, como foi a nossa na África.

Seria mais aceitável a discussão dessa hipótese do que a de uma comunicação do Exército. Estou convencido de que qualquer Exército só é comunicável quando sofre o mando das forças civis, ou de uma revolução de origem civil. E' o caso da China, é o caso da própria União Soviética, onde os exércitos comunizados não estão no Poder, não encontram um espaço e condições para exercê-lo.

Outro argumento que considero definitivo é o da falta de quadros comunistas no Exército português. O êxito de qualquer tentativa de comunização, daquilo que aprendi, parte de uma necessidade de formação de quadros comunistas — trabalho que não se completa a curto e médio prazos.

A meu ver, a comunização do Exército é um outro fantasma criado e posto em ação no mundo por aquela campanha de desinformação. Um pequeno exemplo vem-nos de uma notícia divulgada pela imprensa norte-americana, dizendo de uma base soviética em Figueira da Foz, uma base que nunca existiu e não creio que mesmo remotamente venha a existir. Em contrapartida não se notifica, procura-se esquecer uma base pesqueira de Cuba e da União Soviética em Majorca (Espanha). Por que isto não é noticiado? Porque na Espanha há um Franco."